

Especial

População Dados mostram que taxa de crescimento mudará

Pandemia modifica demografia mundial

Marsílea Gombata
De São Paulo

A pandemia deve alterar a demografia mundial, levando a um encolhimento da população em muitos países não apenas pelo maior número de mortes, mas também pela queda da taxa de natalidade. Para completar, o fechamento de fronteiras internacionais congelou fluxos migratórios, que ainda não retornaram aos patamares pré-covid-19, contribuindo para a desaceleração do crescimento populacional.

Dados mais consolidados sobre população global de 2020 só devem ser disponibilizados em meados de junho pela Divisão de População do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas. Mas estatísticas dos próprios países apontam para quedas populacionais não vistas há anos e até mesmo décadas.

No ano passado, por exemplo, a Alemanha não teve crescimento da população pela primeira vez desde 2011. O Escritório Federal de Estatística da Alemanha (Destatis) atribui esse cenário à menor imigração por conta da covid-19 e ao aumento do número de mortes. Na Rússia a população encolheu no ano passado pela primeira vez em 15 anos por conta da pandemia. O mesmo em relação ao total de habitantes de Londres, que deve diminuir pela primeira vez em 31 anos, indo de 9 milhões em 2020 para 8,7 milhões, segundo a PricewaterhouseCoopers.

Até agora, os maiores efeitos da pandemia na demografia se dão por meio da mortalidade, natalidade e migração. “A primeira mudança é o aumento da mortalidade e também de comorbidades, um impacto enorme que ainda não acabou”, afirma Jamie Chamie, consultor e ex-diretor da Divisão de População da ONU.

“Há mudança também na taxa de natalidade, com duas reações diferentes. Em alguns países da

África e do sul da Ásia as taxas de fertilidade subiram porque as mulheres não conseguiram acesso a contraceptivos no início da pandemia. Já em países desenvolvidos, os nascimentos estão caindo porque as pessoas estão preocupadas com o futuro e esperando ter mais segurança no emprego e ver a pandemia sob controle para retomar planos de ter filhos”, acrescenta.

Segundo o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), a agência de saúde sexual e reprodutiva da ONU, cerca de 12 milhões de mulheres em 115 países perderam acesso a serviços de planejamento familiar no início da pandemia, o que resultou em 1,4 milhão de gravidezes não intencionais em 2020.

Chamie pontua ainda as interrupções nos fluxos migratórios pelo fechamento de fronteiras internacionais em quase todo o mundo, o que deve contribuir para mudanças demográficas. Ele avalia que os movimentos migratórios internos, de grandes conglomerados urbanos para cidades menores, tendem a ser permanentes, enquanto a imigração internacional deve retomar aos níveis pré-pandemia à medida em que a economia global se recupera.

Os maiores efeitos da pandemia na demografia se dão por meio da mortalidade, natalidade e migração

No curto prazo, o impacto mais óbvio da pandemia na demografia mundial é o maior número de mortes, com excesso de mortalidade em muitos países, diz Gunnar Andersson, diretor da unidade de demografia da Universidade de Estocolmo. “Mas os padrões devem voltar ao nível normal logo depois de o vírus ser controlado”, diz.

Segundo o “Tracking covid-19 excess deaths across countries”,



Rua vazia em Frankfurt após toque de recolher para conter a covid-19. No ano passado, população da Alemanha não teve crescimento pela primeira vez desde 2011

da “The Economist”, dentre os países com mais mortes excedentes no mundo estão o Peru, com mais de 164,9 mil mortes excedentes ou 503 por 100 mil habitantes. Em seguida vêm Bulgária, com 433 por 100 mil habitantes, e o México, com 353 por 100 mil. O Brasil ocupa a 19ª posição do ranking com 80 países, com 204/100 mil. Os EUA estão na 25ª, com 182/100 mil.

Tomas Sobotka, diretor do grupo de pesquisa sobre Europa do Instituto de Demografia de Viena, afirma que a mortalidade é um efeito de curto prazo da pandemia na população mundial, enquanto natalidade e migração são consequências de mais longo prazo.

“Os efeitos em relação à mortalidade podem durar um ou dois anos, depende do quão rápidos os países vacinarem suas populações”, diz. Mas os impactos em nascimentos e taxa de fertilidade podem ser mais duradouros, argumenta, porque as pessoas continuarão lutando por algum tempo contra o legado da pandemia, que está afetando renda, famílias e relações.

Na Europa, por exemplo, casais adiaram planos de ter filhos durante o lockdown implementado em março e abril de 2020, segundo o estudo “The impact of COVID-19 on fertility plans in Italy, Germany, France, Spain and UK”.

“Em países de alta renda, o impacto negativo da incerteza econômica sobre as intenções reprodutivas parece ter prevalecido, levando a um adiamento dos nascimentos desejados, pelo menos no curto prazo”, afirma Alessandro Rosina, do departamento de estatística da Università Cattolica del Sacro Cuore, em Milão, e um dos co-autores do estudo.

“Em outros contextos, como aconteceu em países desenvolvidos após a Grande Recessão de 2007 a 2013, incluindo a Itália, a incerteza econômica e social pode permanecer elevada, com a consequente redução da fertilidade”, diz Rosina, sobre o número médio de filhos que uma mulher teria ao longo da vida.

Nos EUA, o número de nascimentos no ano passado caiu para o menor nível desde 1979, o que somado à taxa de mortes excedentes deve resultar em desaceleração do crescimento populacional. A taxa de fertilidade caiu para 1,64, a menor desde o início dos registros, em 1930.

A França, que tem tradicionalmente a maior taxa de fertilidade dentre os 27 membros da UE, teve queda de 7% nos nascimentos em 2020. Foram 735 mil bebês nascidos no ano passado, menor número desde o fim da Segunda Guerra. A Itália registrou 21,6% menos

nascimentos em dezembro de 2020, em comparação ao mesmo mês de 2019. Segundo a agência de estatística Istat, foram 400 mil nascimentos e 647 mil mortes, a maior diferença entre nascimentos e mortes desde a gripe espanhola, em 1918. Na Espanha, os nascimentos caíram 20% para 23.266 em dezembro, menor nível desde o início da série histórica, em 1941.

Assim como os nascimentos, os fluxos migratórios devem permanecer em baixa por algum tempo

Dados divulgados na segunda-feira mostram que a taxa de fertilidade da China chegou a 1,3 filho por mulher no ano passado, nível semelhante aos de países como Japão e Itália. O vizinho Japão registrou o menor número de nascimentos da história em 2020 — 872,6 mil, 25,9 menos do que no ano anterior. Enquanto a Coreia do Sul teve pela primeira vez mais mortes do que nascimentos no ano passado. Foram 275,8 mil nascimentos, 10% menos do que em 2019, e cerca de 307,7 mil mortes.

O Brasil teve queda de 6,2% dos nascimentos em 2020, segundo

dados do Portal da Transparência dos Cartórios. Pesquisadores preveem que em abril o país pode registrar pela primeira vez mais mortes do que nascimentos.

Na Argentina, dados do Ministério de Governo da Província de Buenos Aires indicam que a pandemia acelerou a tendência de queda de nascimentos na região mais populosa do país. Foram 179 mil nascimentos em 2020, 14% a menos do que no ano anterior. A queda é superior às observadas em 2019 (4%) e 2018 (6%).

Sobotka prevê que, assim como os nascimentos, os fluxos migratórios devem permanecer em baixa por algum tempo. “Isso variará muito de país para país. Em alguns lugares, a pandemia está congelando a migração já que a perda de empregos e incertezas econômicas continuarão por mais um ou dois anos”, afirma.

“Depois disso, dependerá muito do ritmo da recuperação econômica e das oportunidades que migrantes podem ter nesses países.”

Relatório Destaques da Migração Internacional em 2020, da Divisão de População da ONU, mostra que a pandemia pode ter desacelerado o número de migrantes internacionais em cerca de 2 milhões em meados de 2020, 27% menos do que o crescimento esperado desde meados de 2019.

Queda no número de nascimentos já preocupa a China

James T. Areddy e Liyan Qi
Dow Jones Newswires

Os resultados de censo de uma década apresentam à China e seu presidente, Xi Jinping, uma escolha extrema: acabar com os controles do Partido Comunista sobre o planejamento familiar e a imigração, ou manter as políticas e correr o risco de incorrer numa queda do crescimento econômico.

Há poucos dias, o governo da China disse que os nascimentos caíram pelo quarto ano seguido em 2020 e a taxa geral de crescimento da população diminuiu ao ponto de quase estagnar, com o número total da população crescendo para 1,41 bilhão. Quase 20% dos cidadãos têm 60 anos ou mais.

Wang Feng, professor de sociologia da Universidade da Califórnia em Irvine, acredita que a população da China começará a encolher dentro de cinco anos. “Será um declínio sem fim.”

A estagnação do crescimento populacional, mesmo para a populosa China, se traduz em menos pessoas jovens para gerar poder econômico, uma vez que o crescente número de idosos representa um dreno para as finanças. Isso é o inverso do perfil demográfico que sustentou o milagre econômico chinês, basicamente um aumento da produtividade baseado numa oferta sem fim de mão-de-obra barata.

Há anos demógrafos vêm pedindo aos líderes políticos da Chi-

na que eliminem os controles ao tamanho das famílias, que incluem o limite de dois filhos, e ampliem as idades de aposentadoria, que podem chegar a 50 anos para as mulheres e 60 para os homens.

O acolhimento de imigrantes estrangeiros jovens poderia criar um grupo de mão-de-obra e um novo ímpeto de crescimento. Mas a China tem resistido à imigração e os controles sobre a vida das pessoas são uma marca do regime do Partido Comunista. Foi um recuo monumental do partido quando em 2015 ele afrouxou a política do filho único estabelecida pelo então líder Deng Xiaoping mais de três décadas antes e amplamente tida como ultrapassada.

Sem grandes mudanças, poderá ser tarde demais para fazer muita coisa mais a não ser amenizar o problema. Pequim vem tentando introduzir tecnologias como a automação de fábricas e encorajar investimentos em cuidados com idosos. Autoridades também estão promovendo serviços que tornem a economia menos dependente das atividades industriais e da construção que exigem muita mão-de-obra.

Há séculos a China ostenta a maior população do mundo, mas estatísticos afirmam que os números mais recentes indicam que em poucos anos ela poderá perder a coroa para a Índia, com suas famílias maiores e um número de cidadãos jovens muito maior.

Os nascimentos caíram 18% na

China em 2020, embora a covid-19 possa ter pesado nisso, e, caso sim, menos nascimentos poderão ocorrer também em 2021.

A China continuará sendo enorme, mas os números sinalizam enfraquecimento das tendências demográficas que definiram a era moderna, com sua enorme população em idade produtiva impulsionando mais de 40 anos de expansão econômica. Uma queda no tamanho das famílias, por exemplo, de 3,1 indivíduos há dez anos para 2,6 em 2020, mostra efeitos das restrições a nascimentos desde 1980.

Demógrafos sugeriram fim de controle da natalidade no país onde quase 20% das pessoas têm mais de 60 anos

O desafio para a China agora é o encolhimento de sua população em idade produtiva, versus o crescimento da população idosa, representado por apenas 12 milhões de nascimentos anuais, um número pequeno para um país tão populoso. No último censo, 63% dos chineses tinham idades entre 15 e 59 anos, comparado a 70% em 2010, enquanto quase 19% tinham 60 anos ou mais em 2020, contra 13% uma década antes.

Uma população mais velha gera pouca renda, gasta frugalmente, poupa menos e exige mais cui-

dados de saúde, enquanto usa suas aposentadorias — um fardo nacional quando se tem menos trabalhadores por aposentado. “O quadro geral: uma população em queda e em envelhecimento será grande obstáculo ao crescimento nas próximas décadas”, diz uma nota da firma de pesquisas Trivium China, de Pequim.

Mesmo assim, economistas chineses vêm alertando há anos para as tendências detalhadas no censo e Pequim não sinalizou nenhuma nova política ao anunciar os números bastante aguardados. As maiores prioridades políticas de 2021 são celebrar o aniversário do Partido Comunista e preparar o terreno para Xi reivindicar um terceiro mandato. Todas as cinco autoridades que fizeram comentários na semana passada são estatísticos, e não caciques políticos.

Ning Jizhe, principal estatístico do governo chinês, disse que o país continuará sendo uma nação com mais de 1,4 bilhão de cidadãos por um tempo e que não está claro quando a população poderá atingir um pico. “A vantagem da China como um mercado interno supergrande existirá por um longo tempo”, acrescentou ele.

“Realmente não acho que eles estão entrando em pânico por causa dessa situação”, disse Cai Yong, sociólogo da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. “Os números não são tão ruins e a população não encolheu.”

Alguns economistas e indivíduos estrangeiros que escrevem na internet na China apareceram para questionar os aspectos dos números, que foram anunciados semanas depois do originalmente marcado e se mostraram mais auspiciosos que o esperado. Por exemplo, foi uma surpresa quase 18% da população chinesa ter 14 anos ou menos, número que foi de 16,6% no relatório de 2010.

Outros disseram que o fato de a população não ter caído poderá encorajar Pequim a manter suas políticas de limitação dos nascimentos. Uma mulher da província de Guangxi, que se identificou como mãe de três, disse em um bate-papo online: “Todos os números divulgados hoje parecem muito otimistas. Parece que até mesmo abrir para o terceiro filho será difícil. Mais uma vez, estou desapontada”.

A ordem de controle da natalidade do Partido Comunista é um ponto central de sua tradição de planejar o meio ambiente, que incluem decisões como desviar grandes rios para controlar o clima, atividade que produziu resultados variados.

Durante os mais inebriantes anos do boom econômico chinês, uma expressão comum justificava a política do filho único — “ren tai duo”, gente demais. Por anos os planejadores políticos usaram-na para explicar a falta de empregos e de moradias.

Mas “gente demais” também